

## Um percurso de nomes, objetos, angústia e satisfação

*Gresielia Nunes da Rosa*

Diante do enigma primeiro a respeito do desejo do Outro, ou, como o nomeamos, o Desejo da Mãe, a criança constrói sua resposta, arruma seu sentido: o que será denominado de Nome-do-Pai. A metáfora paterna daquilo que surgiu como o que causou a primeira fratura narcísica no ser, apazigua o sujeito com a descoberta da fórmula que supostamente o restauraria ao lugar do ideal. O Nome-do-Pai aparece então como o substituto daquilo que tirou da criança seu lugar de completude com o outro.

Ainda podemos dizer que o sujeito neurótico é aquele que inventa um pai para dar conta de um gozo no corpo, que aparece como excessivo. Ante a mudez do irrepresentável, o neurótico é aquele que inventa um Nome, pede ao pai um Nome. E recebe do pai sentido, significação para aquilo que aparece como fora do campo das significações. Passa a usar essa nomeação como um escudo diante do incompreensível, da contingência.

O que é um pai? Entendemos que um pai é aquele que separa a criança da mãe, de uma boa maneira, *quer se queira ou não*. Assim, a palavra do pai ocupa o lugar de função. Lacan é aquele que

[...] liberta o pai freudiano da situação concreta, familiar, em que aparentemente estava localizado. Invertem-se os dados: em vez de 'O pai é a origem', teremos 'O que for, para um sujeito, a origem será o pai<sup>1</sup>.

Nas palavras de Esthela Solano, "o Nome-do-Pai, na psicanálise, é um instrumento para resolver o gozo pelo

sentido”<sup>2</sup>. Leonardo Gorostiza diz que a função paterna dá ancoragem ao sujeito. Uma ancoragem de duas faces: de um lado identificatória e, de outro, reguladora dos modos de satisfação. “Sem esses pontos de apoio e regulação, fonte de produção de sentido, o sujeito cai - literalmente - à deriva”<sup>3</sup>.

No texto “A utilidade do pai”, Sérgio de Campos nos lembra que um pai serve como bússola, como guia moral para um filho. Ante uma criança, ele oferece segurança, e serve como fonte de identificação.

É uma muralha alta e espessa, (que) interpõe-se entre a criança e as necessidades vitais, as responsabilidades da vida, as dores do mundo e os riscos de morte. O pai, portanto, serve como uma muralha em cuja sombra o filho floresce<sup>4</sup>.

Mas se o neurótico usa esse Nome para se identificar e também para tornar possível o seu encontro com a satisfação, se acredita nesse Nome a ponto de fazer um grande esforço para sustentá-lo como um Nome potente, se usa esse Nome para responder para si o que o Outro quer dele e poder seguir a vida nessa crença, sabemos que, uma hora ou outra, esse Nome vai falhar, não vai responder com garantias àquilo que *não tem medida, nem nunca terá, que não tem governo, nem nunca terá*: o Real. Esse nome, que aparecia como garantia e verdade, torna-se inconsistente.

Quanto à muralha,

[...] com o crescimento da criança, reduz sua altura e sua espessura até o momento em que se pode perceber, por intermédio de suas falhas, frestas e rachaduras, que não é, nem foi, tão resistente e segura quanto se imaginou<sup>5</sup>.

A angústia surge então como uma das possibilidades de resposta ante ao fracasso desse Nome, que vez ou outra se torna muito pequenino e impotente e não se sustenta diante dos fatos, do Real. O *Che vuoi?* retorna com o aspecto de

puro estranho, sem respostas e sem sentido. Como enuncia Lacan, "A angústia (...) está ligada a tudo o que pode aparecer no lugar (-φ). (...) Esse fenômeno é o da *Unheimlichkeit*"<sup>6</sup>.

Dizemos que a angústia é um afeto que não engana. O que quer dizer que é o confronto direto do sujeito com o objeto, sem velamentos. É o confronto direto com esse lugar em que nada falta, que aparece como Coisa, grandiosa, desmedida, sem contornos, "certeza assustadora"<sup>7</sup>. Vazio consistente, nada, puro sem-sentido, devorador do sujeito é esse objeto que na angústia aparece como estranho.

Como dizemos que a angústia é a confrontação direta do sujeito com o objeto a, vamos a ele. "O objeto a não é um significante (...)"<sup>8</sup>. "O objeto a não é um ser, ele é um vazio. O que chamamos objeto a é a inadequação da demanda"<sup>9</sup>. Isto é, o que da demanda não diz respeito ao desejo; o que do Nome-do-Pai não corresponde ao Desejo da Mãe. Ele é, então, essa sobra, esse vácuo existente, esse excesso não nomeável. O objeto a é esse buraco, esse lugar onde um não corresponde ao outro. Por isso ele não tem nome, por isso não há um objeto a como significante; a é "o objeto que funciona como resto da dialética do sujeito com o Outro"<sup>10</sup>. Esse resto aparece, então, como um furo, um nada, um vazio.

Quando a fantasia e os nomes que serviam para apaziguar a relação com o Real não se sustentam, produz-se no sujeito o encontro com o que é sem palavras. Angústia é o nome que podemos dar a isso. Aqui esse objeto de puro nada aparece ao sujeito como estranho. No sentido freudiano, o que há de mais estranho e mais familiar. Angústia constituída que paralisa o sujeito, que diante do sem limites, da ausência da falta, do furo onde se insere o sujeito, não lhe dá saída, não lhe dá palavras.

Se o objeto a tivesse uma existência significativa somado ao Nome-do-Pai, restauraria o sujeito como não

barrado, como eu ideal. O simbólico seria sem furo, corresponderia ao Real. Seria o fim da castração. Seria, então, a mortificação do desejo. O objeto a é causa de desejo porque não é significante, porque é furo, nada, vazio. Lacan nos adverte que a angústia é o caminho que "revivifica toda a dialética do desejo, (...) é o único que nos permite introduzir uma nova clareza quanto à função do objeto em relação ao desejo"<sup>11</sup>.

O que pode tirar o sujeito da angústia e introduzi-lo nessa nova função do objeto em direção ao desejo e assim levá-lo à possível satisfação? Algumas conjecturas:

1. A via do encontro com o objeto que pode tamponar a falta.

Nos tempos atuais, os bens de consumo e as prestações de serviço se propõem a estabelecer a satisfação do indivíduo. Através das múltiplas possibilidades do uso de substâncias tóxicas, das ilícitas às da farmácia, se oferece a possibilidade de o sujeito sair do que lhe faz sofrer. No consumo dos objetos do mercado, encontra-se incessantemente objetos que se prestam a obturar o que falta. Futilidades começam a se mascarar como absoluta necessidade. E elas vêm de todos os lados, desde as mais básicas, como a comida e o vestuário, até os produtos da indústria farmacêutica, incluindo as cirurgias plásticas e o comércio de drogas em geral. Podemos dizer que o mercado hoje, oferece inclusive tipos diversos de felicidade: por exemplo, a de sentir tudo ou a de não sentir nada. Para sentir nada, para fazer calar o que tanto perturba, há medicamentos dos mais diversos, que chegam a deixar em estado de pura letargia e debilidade mental. Para sentir tudo também há uma certa convocação contemporânea a obter a maior quantidade de experiências possível, como por exemplo, o consumo de drogas e de sexo.

Também podemos falar no encontro com o objeto amoroso, através da versão "metade da laranja" e a crença de dois fazerem um, tão bem situada no famoso Mito de Aristófanes descrito em "O banquete", de Platão. O outro do amor tem como função o preenchimento da falta que provoca dor no sujeito.

Temos nesses modelos os encontros possíveis com o que supostamente restauraria no sujeito um estado de completude e garantia. Dizemos que essa é a satisfação narcísica pela via da completude pelo encontro com o objeto. Porém, o que rapidamente vimos é que esse mesmo objeto que promete o tamponamento do vazio aparece como estranho ao sujeito, joga-o no abismo sem fim do mais e mais objetos, das outras e outras drogas e da conseqüente devastação no campo amoroso. E assim, ao invés de apaziguar a dor, o que é possível por alguns instantes, abre ainda mais esse furo, corrói a fratura íntima, e lança o sujeito não só no estado anterior da angústia, mas também no estado de impotência. Se dizemos que a angústia é um afeto que não engana, podemos dizer que a satisfação possibilitada por essas vias é um afeto que certamente engana.

## 2. Satisfação pelo consentimento do furo e reconfiguração do objeto como causa de desejo

Na psicanálise lacaniana, a ideia de fim de análise remete à satisfação do sujeito. Logicamente não se trata da mesma satisfação que impera no discurso capitalista.

Lacan, no "Prefácio à edição inglesa do Seminário 11", diz que no final da análise há satisfação. Segundo ele, "o único término da análise é a satisfação que marca o final da análise"<sup>12</sup>. A satisfação daquele que foi analisante. De que satisfação se trata? A pulsão se satisfaz por inteiro no fim de uma análise, ou o sujeito se satisfaz com a parcialidade da satisfação da pulsão? Ou, já que a pulsão

sempre se satisfaz, qual é a diferença em relação à satisfação obtida no fim de uma análise?

No *Seminário 23*<sup>13</sup>, Lacan usa a expressão *l'homme pours-père*. Em um jogo com a palavra *pours-père* encontra-se uma ambiguidade: o pai faz o homem prosperar, e o homem é a finalidade do pai. A esses dois, se acrescenta outro sentido homofônico: *pourrir en espérant*, que significa "apodrecer esperando". Assim, na mesma medida em que se pode prosperar a partir do pai, também é possível apodrecer esperando que esse Nome continue dando sentido, continue sendo equivalente ao demandado. Que o pai tenha sido útil a ponto de interpor-se entre a criança e o desejo da mãe; útil para preencher um pouco do buraco sofrido pela extração de um objeto, não permite que se possa esperar que seja potente para sempre, ao preço de se *apodrecer esperando*.

Sérgio de Campos, com sua bela metáfora, nos auxilia:

Reduzido a um semblante, o pai faz com que o filho passe a enxergar o mundo por cima de um frágil biombo de papel, sendo esse, via de regra, um momento de metamorfose vivido como luto, em que ele prescinde do muro (do pai) depois de ter se servido dele<sup>14</sup>.

Uma análise se concebe na esperança ilusória de cingir o Real com o Simbólico. E com o Simbólico se faz "florir o imaginário"<sup>15</sup>. O desejo do analista, com sua função simbólica, faz surgir o inconsciente transferencial. E como Outro que se corporifica, faz acontecer a questão: o que quer o analista? Isso lança o sujeito no querer saber, na construção de saber, na busca da verdade última que diga sobre seu ser no mundo. "Numa análise trata-se de reconduzir o sujeito aos elementos absolutos de sua existência contingente"<sup>16</sup>. Nesse sentido, uma análise é uma experiência que consiste em construir uma ficção. Em contrapartida, porém, é também uma experiência que consiste em desfazer essa ficção. "A psicanálise não é o triunfo da

Opção Lacaniana Online Um percurso de nomes e satisfação

ficção. Nela a ficção é posta à prova de sua impotência em resolver a opacidade do Real”<sup>17</sup>. Do aparecimento da verdade como mentirosa acontece o rearranjo do sujeito ante suas identificações, queda do Ideal - esvaziamento superegoico. Em consequência, há um alargamento das possibilidades diante da contingência. É possível, assim, obter a satisfação pelo consentimento com a verdade como mentirosa.

Essa satisfação, no entanto, residiria em puro cinismo se não houvesse a possibilidade de cingir no nível do sujeito o que lhe aparece como singular.

No esvaziamento da cadeia significante, sobra o

[...] *initium* subjetivo (...) só há aparecimento do sujeito como tal a partir da introdução primária de um significante, e do significante mais simples, aquele que é chamado de traço unário<sup>18</sup>.

O traço unário como anterior ao sujeito é o que possibilitaria nomear a borda do objeto que, sem ela, aparece como estranho e desmedido? A hipótese aqui levantada é que o objeto como causa é aquele em que o sujeito pode localizar a borda que contorna o nada, o vazio do objeto. A borda possibilita a imaginarização e também a simbolização desse objeto, amortecendo assim o caráter aterrorizante do completo sem-sentido, ilimitado. A nomeação do objeto é a nomeação do que faz borda, já que o objeto mesmo não é significante. Assim, essa nomeação é o que possibilitaria a passagem do estranho para a causa.

À medida que, com o percurso da análise, o sujeito se depara com essa satisfação em relação ao não-sabido, ao sem-sentido, à noção de impossível, não poderíamos dizer que a satisfação que resulta do fim de uma análise é também, como a angústia, um afeto que não engana? Isto é, se a angústia é um afeto que não engana porque coloca o sujeito em relação direta com o objeto (como estranho), essa satisfação obtida por meio de uma análise, a qual

acontece pelo encontro do sujeito com o objeto (como causa) não seria também um afeto que não engana?

---

<sup>1</sup> VIEIRA, M. A. (2006). "Retrato falado de um totem sem tabu (ou a hipermodernidade sertaneja)". In: *Latusa* (11). Rio de Janeiro: EBP, p. 13.

<sup>2</sup> SOLANO-SUAREZ, E. (2006). "Gozo". In: *Scilicet dos Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: AMP, p. 67.

<sup>3</sup> GOROSTIZA, L. (2006). "Autoridade". In: *Scilicet dos Nomes do Pai*. Op. cit., p. 25.

<sup>4</sup> CAMPOS, S. (2006). "A utilidade do pai". In: *Curinga* (23). Belo Horizonte: EBP, p. 74.

<sup>5</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>6</sup> LACAN, J. (2005[1962-1963]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 57.

<sup>7</sup> Idem. *Ibid.*, p. 88.

<sup>8</sup> MILLER, J.-A. (2011[2008-2009]). *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan. Entre desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 203.

<sup>9</sup> Idem. *Ibid.*, p. 189.

<sup>10</sup> LACAN, J. (2005[1962-1963]). Op. cit., p. 252.

<sup>11</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>12</sup> Idem. (2003[1976]). "Prefácio à edição inglesa do Seminário 11". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 568.

<sup>13</sup> CAMPUS apud MILLER. (2006). Op. cit.

<sup>14</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>15</sup> MILLER, J.-A. (2011[2008-2009]). Op. cit., p. 110.

<sup>16</sup> Idem. *Ibid.*, p. 82.

<sup>17</sup> Idem. *Ibid.*, p. 123.

<sup>18</sup> LACAN, J. (2005[1962-1963]). Op. cit., p. 31.